



TRABALHO DOCENTE E O ENSINO PERSONALIZADO SEMIPRESENCIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Izabel Conceição Nascimento Costa dos Santos (UEPA)
Emmanuel Ribeiro Cunha (UEPA)

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea exige cada vez mais das pessoas a apropriação de novos conhecimentos e, por este motivo, a educação ainda é considerada como um processo capaz de contribuir para a ampliação dos conhecimentos de jovens e adultos, principalmente daqueles que já atingiram uma determinada idade e que por diversos motivos não conseguiram concluir os estudos na idade própria. Para essas pessoas, a vida cotidiana mostra que é necessária a complementação dos estudos para que elas consigam dominar algumas habilidades indispensáveis para o desenvolvimento de um bom trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) prevê para aqueles que não tiveram acesso ao ensino formal na idade própria, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma oportunidade concreta estabelecida no art. 37, segundo o qual:

os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Neste sentido, no âmbito das escolas brasileiras ampliam-se cada vez mais as demandas de jovens e adultos na busca pela escolarização que não foi concluída e/ou iniciada na época própria, principalmente por parte daqueles já inseridos num mercado de trabalho às vezes informal, mas que necessitam adquirir e/ou ampliar conhecimentos e habilidades exigidas pela contemporaneidade.

E uma das questões que têm merecido atenção é a metodologia utilizada pelas escolas, pelos professores, no sentido de permitir aos jovens e adultos um pleno acesso aos conteúdos necessários para a aquisição de conhecimentos e habilidades, pois, de uma maneira geral, ainda é encontrada nas aulas da modalidade EJA, uma prática docente baseada numa pedagogia tradicional que dificilmente permite o diálogo entre professor e alunos.

Soares (2011) ao discutir sobre a EJA aponta a necessidade de dialogarmos sobre a formação dos professores que trabalham com essa clientela “diferenciada”, pois na formação inicial dos professores a ênfase recai sobre o trabalho com as crianças, e não com a prática docente para atuar com os jovens e adultos. Dessa forma, é preciso que o professor perceba a necessidade de um trabalho diferenciado para que o aluno não desista de sua formação e para que não aumentem os índices de evasão escolar.

Foi a partir dessas reflexões iniciais que nos dispusemos a realizar uma investigação sobre o trabalho dos professores que atendem jovens e adultos trabalhadores em um centro especializado em EJA vinculado à rede pública de ensino do estado do Pará, tendo como questão central de investigação a seguinte pergunta: como os professores do um Centro especializado em EJA que atuam no Ensino Personalizado semipresencial trabalham com a tecnologia de ensino para atender às especificidades existentes na Educação de Jovens e Adultos?

A investigação objetivou identificar e analisar a concepção de ensino personalizado dos professores da EJA; descrever e analisar o processo de trabalho docente com o ensino personalizado na Educação de jovens e adultos e, apontar os desafios sobre a utilização do Ensino Personalizado semipresencial na EJA.

Consideramos as ideias de Freire (2011), Galvão e Soares (2006) e Soares (2002) (2001) que discutem sobre a educação de jovens e adultos, bem como as ideias de Tardif (2011) sobre trabalho docente sobre tecnologias de ensino e, realizamos uma pesquisa descritiva qualitativa tendo como sujeitos professores e alunos do mencionado Centro de Estudos. A observação e a entrevista foram os principais instrumentos de coleta de dados, tendo sido ainda utilizados a análise documental e um questionário para construir o perfil dos professores.

Na base da construção científica estão presentes os sujeitos participantes 04 (quatro) docentes que trabalham no Ensino Fundamental e 04 (quatro) docentes que trabalham no Ensino Médio, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1 – Descrição dos Entrevistados

SUJEITOS	FORMAÇÃO	IDADE	TEMPO DE SERVIÇO
Hortência	Licenciatura em Química com Mestrado em Química.	32	08
Violeta	Licenciatura em Ciências com habilitação em Química.	49	18
Jasmim			
Margarida	Licenciatura e Bacharelado em História.	34	11
Iris	Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Francês. Licenciatura em Artes.	60	42
Amarílis			
Jacinto	Licenciatura em Matemática.	36	13
Narciso	Licenciatura Plena em Matemática	41	19

Fonte: Diário de Campo, 2012.

O critério que utilizamos para seleção dos professores foi, primeiramente, o tempo de serviço no Ensino Personalizado semipresencial, com um grupo de professores que atuam há mais tempo e outro grupo de professores que, recentemente, estão trabalhando nesta organização de ensino. E no segundo momento selecionamos as disciplinas ministradas pelo grupo de professores que, de acordo com as fichas de acompanhamento das aprendizagens dos alunos são relacionadas como disciplinas fáceis ou difíceis de aprendizagem. Com isso, trabalhamos com professores que atuam com disciplinas consideradas mais difíceis pelos alunos: Matemática, Química e Língua Portuguesa; e como disciplinas de fácil compreensão a História e Ciências. Optamos substituir os nomes dos professores por nomes de flores para preservar a identidade dos professores.

Na perspectiva deste texto, apresentamos o processo de trabalho docente com o ensino personalizado na Educação de jovens e adultos.

O ENSINO PERSONALIZADO E O TRABALHO DOCENTE

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2007, o índice de evasão na EJA ainda expõe um quantitativo alto, pois:

[...] dos 8 milhões de pessoas que frequentaram o curso até 2006, 42,7% não chegaram a terminá-lo, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007. As razões para esse índice ser tão alto vão desde a incompatibilidade entre o horário das aulas e o trabalho até a metodologia, que não respeita as especificidades desse aluno. (Disponível em: www.abril.com.br/politicaspUBLICAS. Acesso: 2 jun. 2013).

De acordo com as estatísticas do PNAD, a evasão escolar é causada, principalmente, por dois fatores, a saber: à incompatibilidade de horário entre estudo e trabalho, e à falta de metodologias adequadas para o professor trabalhar com esses jovens e adultos. Para iniciar

esta discussão temos como fundamento a fala dos professores sobre sua concepção de Ensino Personalizado Semipresencial para a EJA.

Por meio da entrevista realizada com os professores, analisamos que o ensino personalizado é concebido como uma organização de ensino diferenciada dentro da modalidade EJA e, por conseguinte, exige práticas pedagógicas direcionadas às especificidades do aluno, tendo o módulo como um aporte teórico para o trabalho. Vejamos a seguinte fala:

primeiro é uma grande satisfação (...) participar desse projeto (...) a gente ver que o ensino cada vez mais diversifica e atende a comunidade porque a sociedade (...) já não é mais a mesma (...), ela modifica e com ela as suas necessidades e essa metodologia ela vem cada vez mais ao encontro dessas necessidades. Se você perceber o trabalhador ou jovem que deixou a escola por muitos e diversos motivos como: bullying, a falta de tempo, como várias outras características ele encontra as respostas nessa metodologia, que o Centro desenvolve, que é o Ensino personalizado, com a possibilidade de respeitar, não só o nível de condição de aprendizagem como também incentivá-lo (...) para conquistar o seu espaço na sociedade melhorando a sua qualidade. (Professor Iris).

Na fala do professor, verificamos aspectos relevantes para a organização da instituição escolarizada, na sociedade contemporânea, que recebe o jovem ou adulto, e aponta o trabalho do Centro como um projeto que contribui de forma inclusiva para a formação desse aluno. Sobre a instituição escolarizada na sociedade contemporânea, Soares nos diz que:

a educação, como uma chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, vai se impondo cada vez mais nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. Ela possibilita ao jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado (2002, p. 40).

O entendimento da professora Violeta com relação ao ensino personalizado incide num processo de aprendizagem que valoriza a história de vida dos alunos, que escuta a realidade, a saber:

pra mim é uma coisa muito nova, eu só vou fazer dois anos aqui no Centro e ficar assim com o aluno eu considero quase uma aula particular porque fica com o aluno (...) fica até um pouco pessoal porque eles começam a falar e sempre no começo eles vêm logo se justificando pelo tempo que ficaram afastados, principalmente, os mais velhos, a cima de trinta anos, mas tem os mais novos que não, eles já querem que a gente passe rápido o assunto pra eles (Professora Violeta).

Para Freire (2011, p. 111), “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em sua fala com ele”. Então, apesar do pouco tempo de atuação da professora Violeta, no ensino personalizado, notamos que um importante passo já foi dado para a contribuição da aprendizagem do aluno.

Diante ao exposto acrescentamos também a fala da professora Jasmim, que analisa o ensino personalizado a partir de suas experiências outras que refletem no olhar a EJA de forma diferenciada ao nos dizer que:

[...] é muito prazeroso o contato com esta prática, visto que ela é diferente dentro da EJA. Eu tenho experiência de EJA, no sistema regular, e com relação ao trabalho, daqui, específico, eu acho mais prazeroso porque além das pessoas virem buscar aquele tempo que ela não pôde cumprir a escolaridade, ela fica muito à vontade pelo sistema de inclusão, então elas não se sentem, por exemplo, inibidas porque estão juntos com adolescentes, como o aluno fica frente a frente com o professor (Professora Jasmim).

Sendo assim, na concepção da professora Jasmim, trata-se de um ensino que trabalha a formação do aluno no sentido de respeitar a história de vida dos jovens e adultos para o início de um trabalho. Bem significativo para compreender a organização do ensino é quando a referida professora nos fala do diálogo individual entre o professor e o aluno. Segundo Tardif e Lessard:

a docência, como qualquer trabalho humano, pode ser analisada inicialmente como uma atividade. Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e técnicas. No mesmo sentido, ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender [...] (2011, p.49).

Outra compreensão sobre o ensino personalizado, presente na fala dos professores, está direcionada para a forma de conclusão do curso. Por isso o cuidado com a qualidade do ensino e a necessidade do professor pesquisador para atender os saberes que circulam durante o trabalho presencial, como seguem os relatos dos professores Hortência e Narciso:

[...] aqui o interessante dessa modalidade é a aceleração, eles terminarem o mais rápido que eles puderem, mesmo porque tem gente aqui que tá há muito tempo e quer logo pegar o certificado. Claro que tem a dificuldade, mas a gente percebe que é um aluno que já tem conhecimento. Eu não posso tá retardando, eu vou acelerando esse aluno (professora Hortência).

a questão é se doar mesmo, procurar novas metodologias, diálogo constante, porque não é muito fácil não porque a gente pega alunos que pararam há vinte anos e pra você tentar, num curto tempo colocar algumas ideias matemáticas de séries

anteriores (...) demanda um tempo e isso requer muita dedicação do professor. Ele tem que está com exemplos, buscar livros, buscar exercícios, levar um pouco para o cotidiano do aluno. Um exemplo: quando eu trabalho com função, a maioria dos que estão há muito tempo parado (...) consegue entender muito mais rápido se ele equacionar quando eu trabalho o problema do taxista daqui, ele cobra um preço chamado de bandeira, com o preço fixo, mais um valor por quilômetros rodados. Eles conseguem equacionar isso (...) porque faz parte do cotidiano dele, eles levam vantagem nesse sentido aí. Quando chegam para a problemática, ele não tem muita dificuldade (...) eles trazem muito essa questão da experiência e aí você tem que ter a sensibilidade para explorar isso aí (professor Narciso).

Um elemento importante para a discussão do dia a dia da sala de aula da EJA e que está claramente presente na fala dos professores é a aceleração do ensino, ou seja, uma prática docente na formação do jovem ou adulto que não enfatize essa aceleração, e sim, um trabalho de qualidade.

Para Tardif e Lessard, a qualidade do ensino é importante quando a instituição organiza uma metodologia diferenciada para atender uma determinada demanda que surge no ambiente escolar, a saber:

[...] ensinar, de certa maneira, é sempre fazer algo diferente daquilo que estava previsto pelos regulamentos, pelo programa, pelo planejamento, pela lição, etc. Enfim, é agir dentro de um ambiente complexo e, por isso, impossível de controlar inteiramente, pois, simultaneamente, são várias as coisas que se produzem em diferentes níveis de realidade: físico, biológico, psicológico, simbólico, individual, social, etc. Nunca se pode controlar perfeitamente uma classe na medida em que a interação em andamento com os alunos é portadora de acontecimentos e intenções que surgem da atividade ela mesma (2011, p. 43).

Existe um material para estudo, denominado de módulos que consiste no material didático para estudo do discente com conteúdos e exercícios, no olhar dos professores o aluno precisa de autonomia para estudar sozinho para depois ter assessoramento do professor no sentido de preparar-se para concluir o seu nível de ensino. Como nos fala a professora Hortência:

[...] querendo ou não o nosso Ensino Personalizado, os nossos módulos são pra isso: pra ele conseguir estudar sozinho e vir aqui para tirar as dúvidas, porque aí sim vai ser mais rápido. A intenção é essa, ele ter uma prévia do que é o módulo, tentar entender só com o que tem no módulo. Por isso, o módulo tem que ter esclarecimento bacana (...). Nós temos uma linguagem para o aluno poder entender, pelo menos já vir com a gente com a ideia do que o módulo tá falando e a gente tirar as dúvidas e ele faz a prova (professora Hortência).

Assim, o ensino personalizado possui em sua característica um atendimento

individual ao aluno; porém, às vezes, de acordo com as falas dos professores, se torna mais produtivo o trabalho em grupo por conta da interatividade entre professor e alunos, assim como alunos e alunos. Desse modo, está presente nas falas dos professores o seguinte:

[...] o ensino personalizado, ele é bacana porque é um atendimento individual, às vezes até acontece de vir dois ou três do mesmo módulo e as dúvidas de um (...) passa também a ser a dúvida do outro, e começa haver uma discussão legal entre todos do módulo, aquele papo bacana, tirando as dúvidas e a conversa fica mais interativa (professora Hortência).

[...] a gente trabalha aqui, totalmente interativo, buscando esses alunos, dentro da linguagem escrita transformar para a linguagem oral, num texto de conversa, ou seja, outros descritivos ficam sendo trabalhados como se fosse uma conversa com o próprio aluno: “que tal. você percebeu que aqui tem um ponto X, esse ponto Y” dá uma indicação tal (...). Então essa conversa (...) não tem no ensino regular, isso é necessário, tanto lá como aqui (professor Iris).

Os depoimentos acima nos levam a refletir sobre o assessoramento individual, pois eles mostram exemplos que verbalizam a importância da troca de conhecimentos entre os pares e o quanto é salutar o trabalho em grupo, os questionamentos que podem surgir e a socialização dos saberes culturalmente construídos.

Na fala do professor Iris, podemos extrair ainda para reflexão o fato de olhar para a EJA como uma Educação que não faz parte do ensino regular por ser uma modalidade de ensino, com suas especificidades e a heterogeneidade do público que frequenta esta modalidade, Como podemos constatar em Soares:

dizer que os cursos da EJA e exames supletivos devem habilitar ao “prosseguimento de estudos em caráter regular” (art. 38 da LDB) significa que os estudantes da EJA também devem se equiparar aos que sempre tiveram acesso à escolaridade e nela puderam permanecer (2002, p.66 – 67).

Quando se reportavam às características presentes no trabalho desenvolvido em sala de aula, os professores delineavam um perfil para o profissional docente que trabalha com o ensino personalizado semipresencial, onde eles afirmavam que precisa existir uma sensibilidade para trabalhar a partir das especificidades apresentadas pelos jovens e adultos. Isso nos remete ao respeito à diversidade, presente no espaço escolar e, em algumas falas, a saber:

primeiro, entrar nesse mundo de compreensão (...) foi uma coisa que eu tive que não aceitar é me adaptar mesmo. O aluno não vem hoje, mas ele pode vir amanhã, eu lembro que eu tive uma aluna que só vinha dia de quinta porque ela trabalhava no barco Belém/Breves (professora Jasmim).

o professor do Ensino Personalizado tem que ter consciência que ele vai tratar com vários alunos diferentes e ele vai tratar, pessoalmente, individualmente. Então eu acho que o professor ele tem que estar pronto pra tudo, aqui, no personalizado, porque é diferente de uma sala de aula que você (...) não percebe a diferença nos alunos. Às vezes nem na prova a gente consegue avaliar, realmente, as especificidades de cada um, então eu acho que o professor, no personalizado, tem que ter muita sensibilidade, paciência, saber que ele tem que estar disponível para todos os alunos (Professora Hortência).

Neste sentido, o professor que atua no ensino personalizado precisa ser pesquisador, por conta da diversidade de saberes presentes durante o assessoramento aos alunos e precisa utilizar metodologias diferenciadas porque a aula partirá das experiências de cada aluno. As pesquisas de Soares (2001, p. 218) apontam que “o adulto já possui um conjunto de habilidades e, neste caso, a função da educação é a de potencializar essas habilidades, tornando-o mais capaz para enfrentar seu cotidiano”.

A compreensão de que o jovem ou adulto está inserido num contexto social e político e a partir daí preparar a ambiência da sala de aula foi uma das características marcante no perfil do professor, segundo os relatos dos professores. Nesta perspectiva, mencionamos a pesquisa de Tardif e Lessard, ao abordarem a docência como trabalho flexível:

a organização escolar na qual o trabalho é desenvolvido tampouco é um mundo fechado; ela não é autônoma, mas participa de um contexto social mais global no qual está inscrita. Esse contexto social não é uma abstração sociológica, nem um horizonte longínquo ou situado “fora” da escola. Pelo contrário, tal contexto está tanto “dentro” quanto “fora” da escola, é ao mesmo tempo individual e coletivo. Por exemplo, ele penetra na escola com os alunos que são, como todos nós, seres socializados que trazem consigo, para a classe toda, a carga de suas múltiplas pertencas sociais: origem socioeconômica, capital cultural, sexo, identidade lingüística e étnica, etc. (2011 p. 44).

Com relação à prática realizada no dia a dia do professor, que está direcionada para a organização de um ensino personalizado semipresencial, observamos nas falas dos entrevistados que existem fatores que impulsionam as atividades docentes, bem como, a forma como cada professor se planeja para desenvolver o seu trabalho. Os fatores compreendem: avaliação diagnóstica, seleção dos conteúdos e o professor pesquisador.

Uma avaliação diagnóstica porque de acordo com as falas dos professores o trabalho docente caminha junto com a realidade dos alunos e com o ritmo de aprendizagem de cada um. É preciso haver seleção dos conteúdos, visto que os professores elaboram o material didático denominado de módulos e, por fim, o professor precisa ser pesquisador por trabalhar juntamente com os jovens e adultos a conexão entre o conhecimento culturalmente construído e os assuntos abordados em sala de aula.

A avaliação diagnóstica é utilizada para conhecer um pouco da história do aluno e assim fazer adaptações necessárias e, também para priorizar os conteúdos em detrimento de outros assuntos contidos nos módulos, considerados pelos professores como essenciais para compreender conteúdos mais complexos ou que servirão de base para várias temáticas. Para Luckesi (2011), a avaliação possui um papel importante na construção da aprendizagem do aluno, pois desvela a real necessidade do jovem ou adulto para intervenções adequadas. Reunindo as falas dos professores sobre avaliação diagnóstica, compreendemos que é um processo avaliativo importante para ser utilizado no primeiro assessoramento ao jovem ou adulto e aparecem como práticas dos professores no ensino personalizado, pois:

como já diz, personalizado, então é voltado logicamente para o aluno, então, geralmente é assim, como a gente já tem todo um programa através dos módulos, a gente desenvolve sempre em cima dos módulos, mas antes converso com os alunos, faço um diagnóstico através dos próprios trabalhos dos módulos, dos exercícios, e daí eu tento ver até que ponto posso conhecer o que eles sabem, o que eles já trazem de conhecimento, o que dá para aproveitar ou pra seguir, pra adiantar os conteúdos dos módulos, e a gente vai desenvolvendo dessa forma. (Professora Amarílis).

Assim, a fala está direcionada para a avaliação diagnóstica, a necessidade de conhecer o nível de aprendizagem do aluno e a partir daí construir um plano de trabalho. Verificamos que mesmo com o módulo já elaborado existe a preocupação de identificar as reais necessidades para depois fazer uso do módulo e se houver necessidade as alterações são feitas, o que exemplifica a flexibilidade na sequência dos conteúdos presentes no módulo.

Tardif e Lessard contribuem com a reflexão sobre os primeiros contatos com o aluno ao falar sobre a sua acolhida, a saber:

na docência, profissão de relações humanas, trabalho com coletividades e ao mesmo tempo centrado nas pessoas, a acolhida dos alunos se reveste de uma importância particular, como no estabelecimento de toda relação humana. Com efeito, diferentemente dos objetos que nunca se encontram, mas que, no máximo, podem se tocar externamente, os seres *humanos tornam-se realmente presentes uns aos outros, são co-presentes numa situação instaurada pelo seu encontro*, portadores que são de expectativas, de perspectivas, de motivações, de interesses, que devem ser, de certo modo, agendados, negociados e precisados para produzir a possibilidade de uma ação em comum (2011, p. 177).

Outra característica encontrada está direcionada ao ritmo de aprendizagem do jovem ou adulto como elemento indicador da seleção dos conteúdos, mesmo com o módulo já construído, a prática desenvolvida pelos professores apresenta a flexibilidade com relação à estrutura organizacional do rol de conteúdos a fim de chegar, de modo satisfatório, aos

resultados projetados, representadas nas experiências com o ensino personalizado, como se pode verificar na seguinte fala:

aqui você tem vários alunos e alunas e cada aluno tem um ritmo (...) quando o aluno vem, logo começamos a trabalhar (...) a procedência dele, a sua disponibilidade de tempo, se ele tem leituras prévias, o conhecimento que ele nos traz; então, nós tentamos também acompanhar esse ritmo, não contribuir para o marasmo, não é isso, que ele demore a fazer a prova, não, mas incentivá-los dentro desses quesitos (Professora Jasmim).

Podemos constatar, por meio da fala da professora, que no ensino personalizado o ritmo de aprendizagem do aluno é levado em consideração no momento das atividades avaliativas e, dependendo do resultado encontrado, existem mudanças para que o desenvolvimento da aprendizagem de fato ocorra. De acordo com Luckesi:

Na prática escolar, nosso objetivo é que nossos educandos aprendam e, por aprender, se desenvolvam. A avaliação da aprendizagem está a serviço desse projeto de ação e configura-se como um ato de investigar a qualidade da aprendizagem dos educandos, a fim de diagnosticar impasses e conseqüentemente, se necessário, propor soluções que viabilizem os resultados satisfatórios desejados (2011, p. 175).

Os professores selecionam os conteúdos para atender a organização de um ensino, que é personalizado, como a maioria dos professores reforça esta organização ao focar o seu trabalho no nível de aprendizagem de cada aluno. Conforme mencionaram a seguir:

(...) nunca tinha tido essa experiência, então eu senti um pouco de dificuldade, no começo porque são vários módulos eu sempre e eu sempre dou uma olhada no módulo para ver o que é mais relevante ali para direcionar o estudo para ele, a aluno (Professora Violeta).

(...) você vai trabalhar o módulo de álgebra e é complicadíssimo (...), é muito abstrato para eles, eles não conseguem perceber muito a questão de operacionalizar números e letras, então, especificamente, dentro de alguns módulos “olha isso aqui tens que saber, não tem como não saber” (...) Então eu trabalho dessa forma: eu mostro os conteúdos, mas eu priorizo alguns tópicos (Professor Jacinto).

Neste sentido, apesar da sequência dos conteúdos existentes no módulo, os professores, de acordo com o nível de aprendizagem do aluno, priorizam alguns assuntos em detrimento de outros.

As falas dos professores revelam também como acontece a transposição dos módulos nos momentos presenciais e as orientações para os momentos não presenciais, ao levar em consideração as especificidades de cada aluno no processo de aprendizagem. Assim temos os

relatos dos professores Jacinto e Iris:

como o nosso sistema é semipresencial, é orientado para que esse aluno faça uma leitura, tenha um conhecimento prévio daquele assunto (...) que a gente vai trabalhar. Tendo isso em vista, a gente faz um resumo (...) daquilo que vai ser tratado e depois eu exemplifico, através dos exercícios (...), aí a gente corrige, comenta, faz alguma observação que for necessária, quem não conseguiu realizar essas atividades por dificuldades ou por não entender o que estava ali, não conseguiu realmente absorver o conteúdo, ou seja, a leitura e a exemplificação não foram suficientes, aí ele precisa de uma explicação, de uma orientação maior; então, eu procuro fazer esse resumo, esclarecimento, aí eu parto pra questão dos exemplos, de mostrar para ele enxergar melhor porque para mostrar o passo a passo para ele é melhor exemplificando e eu percebo que, dessa forma, eles conseguem assimilar melhor. É por isso que eu falo que não adianta ele passar para o tópico sem ter feito aquela atividade porque se não ele vai atropelar os passos (...) (Professor Jacinto).

(...) o professor já tem um material conhecido, bem conhecido, muito mais trabalhado do que aquele material que você, pega digamos, no ensino regular, que é uma editora multinacional, que trabalha com todo o Brasil, e já nós trabalhamos o conteúdo exato, o conteúdo nacional, o conteúdo internacional, mas com características bem regionais e atualizados (...) são textos, situações, são intervenções que você faz no próprio ensino por incentivo você repete: “você já leu, você já leu isso”, então são essas chamadas que existem no nosso trabalho que não existem no livro. (Professor Iris).

Observamos que os professores contextualizam os conteúdos presentes no módulo, existe a relação do assunto com a experiência de vida dos alunos. Nesse sentido, os ensinamentos de Freire ajudam na reflexão do trabalho pedagógico, pois numa perspectiva progressista aborda aspectos necessários que o professor precisa se apropriar a fim de:

saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, à suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento (2011, p.47)

Desse modo a fala seguinte, da professora nos mostra que é uma necessidade permanente:

aqui nós não fazemos planejamento escrito de aula, nós conhecemos os conteúdos dos módulos e que série eles abrangem, então eu tento complementar com todas as leituras que eu posso para me aprofundar, me preparar para as possíveis perguntas que eles façam. Costumo dizer que aquele conteúdo não é suficiente, que ele assista a um filme, que ele vá para a literatura ler um romance que tenha a ver com a história, que a história está num olhar crítico em cada esquina, em cada rua, dou exemplos para ele poder ampliar isso aí, embora não me seja exigido fazer esse plano, eu mesma tento fazer isso. (...) eu sempre procuro fazer é ler o conteúdo e aprofundar com que está, em termo de pesquisa, mais recente (...) não está no módulo do aluno, mas eu já acrescento, mesmo não sendo uma questão que vai cair na prova porque nós não vamos orientar o aluno só para fazer prova, mecanicamente (Professora Jasmim).

A professora Jasmim ressalta a importância de ser pesquisadora, pois como a relação entre professor e aluno ocorre de forma personalizada é necessário encontrar meios para concatenar os conteúdos à realidade de cada jovem ou adulto e isso exige pesquisa, como nos fala Freire:

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (2011, p. 30–31).

Todas as experiências relatadas, bem como as concepções sobre o ensino personalizado semipresencial e a forma como os professores desenvolvem suas atividades para atender as especificidades de cada jovem ou adulto nos levou a conhecer também o dia a dia da sala de aula e, para isso foi necessário adentrarmos neste espaço, acompanhar algumas aulas para compreender de que forma acontece o processo de ensino e aprendizagem nesta organização de ensino.

Uma fala muito recorrente durante relatos, ao se reportarem sobre a relação professor e aluno, está pautada no “atendimento individual ao aluno”, mas o que verificamos foi um assessoramento a partir das necessidades de cada jovem ou adulto. Também constatamos que ocorre assessoramento individual, mas que também existem grupos de estudo. Assim, verificamos que alguns alunos esperam o término do assessoramento para receber orientação de forma individual.

Os professores, por sua vez, nos relataram a prática de conhecer um pouco da história de vida dos alunos, os conhecimentos acumulados culturalmente, antes de iniciar o trabalho. Isso de fato aconteceu, durante as nossas observações, diante das aulas dos professores, como por exemplo, nas aulas da professora Jasmim, em que a mesma trabalhou da seguinte forma:

Primeiramente, a professora ouviu um pouco das experiências do aluno. Em seguida falou sobre como funciona o ensino personalizado, apresentou o objeto da disciplina e os conteúdos dos módulos para depois iniciar o trabalho. Durante a conversa com o aluno a professora utilizou alguns exemplos para relacionar os conteúdos da disciplina aos fatos e

acontecimentos sociais. Utilizou também relatos da vida cotidiana. Enfim, ao término do diálogo, a professora indicou um filme e expôs a sinopse do filme para o aluno compreender melhor o que ela estava explicando.

O aluno já havia feito a leitura até a página 13 do módulo, então a professora aprofundou o conteúdo de acordo com a leitura feita pelo aluno. Neste momento, o aluno fez uma pergunta e a professora explicou fazendo uso, novamente, de fatos sociais, políticos, históricos e da vida cotidiana. Para a pergunta do aluno a professora indicou outro filme e finalizou esse momento de assessoramento. Ao aluno coube continuar sua leitura para o próximo momento.

É importante mencionarmos que o aluno pode continuar esse diálogo com a professora Jasmim assim como ele pode dar continuidade com outro professor (a), pois nesta organização de ensino o aluno pode frequentar aula no turno da manhã, tarde ou noite e também em um único horário. Existem dois professores e depende do encaminhamento dado na hora em que ele for solicitar a sua aula na recepção do Centro.

Um instrumento muito utilizado pelos professores, no momento do assessoramento, é o exercício; mas o que mais nos chamou atenção foi a forma como esse instrumento é utilizado. Para melhor compreensão do leitor vamos relatar uma das aulas que observamos:

Primeiramente, ao receber o aluno, a professora Margarida faz a revisão do conteúdo por meio do exercício resolvido por ele e utiliza como recurso o seu computador para o aluno visualizar o que, no momento, está sendo abordado.

Durante a correção do exercício, quando a professora se deparava com uma resposta incorreta, havia uma pausa para a explicação e assim ocorria o assessoramento até a última questão trabalhada. Além das questões dos exercícios, a professora elabora outras para avaliar o nível de compreensão do aluno sobre os conteúdos do módulo.

Houve uma pergunta que o aluno não soube responder e daí a professora, além da explicação, comentou a história de um filme e por coincidência o aluno já havia assistido, o que facilitou a participação e a compreensão do mesmo.

Assim, no mesmo momento em que a professora Margarida estava orientando o aluno havia outro fazendo avaliação, com orientações diferenciadas. Com relação ao processo avaliativo, a professora antes de encaminhar a aluna à sala de avaliação, que já havia tido a primeira orientação com outra professora, fez algumas perguntas sobre o conteúdo. Neste dia, a professora fez dois assessoramentos e houve a colaboração dos alunos, no sentido de aguardarem o seu momento de estudo.

A conclusão do assessoramento se deu com encaminhamentos para o aluno continuar

o estudo sobre o módulo a fim de fazer a prova no segundo assessoramento. A professora, responsável pela sala de avaliação, avisou a professora Margarida que a aluna havia terminado a prova e a professora Margarida, então, se dirigiu à sala para corrigir a prova, que obteve o resultado de 9,0 (nove), e deu a aprovação da aluna para o módulo seguinte.

Em uma das aulas que observamos, do professor Jacinto, verificamos que embora houvesse a presença de vários alunos o professor utilizou uma dinâmica de trabalho para atender de forma individual, que ocorreu da seguinte maneira:

O professor reserva um espaço da sala do ensino personalizado e dispõem as mesas e cadeiras em forma de círculo para melhor visualizar o grupo e assim dar as orientações que no momento são necessárias. Neste dia, quando o professor chegou, já havia 04 alunos na sala estudando os módulos e depois chegou mais 07 alunos e todos os alunos presentes estavam com módulos diferentes, tendo de acontecer explicações diferenciadas. Sendo assim, o professor explicava individualmente a partir do exercício feito no módulo. Para alguns alunos o professor elaborava mais exercícios, de acordo com o grau de dificuldade apresentada, ou seja, atividade para além do módulo elaborado para poder atender a necessidade de cada aluno.

Do grupo de alunos um foi encaminhado à sala de avaliação após a correção do exercício, pois de acordo com a análise do professor o aluno apto para a prova. Sendo assim, o professor precisou sair algumas vezes da sala de aula para ir à sala de avaliação a fim de verificar o desempenho do aluno, que obteve a nota 9,5 (nove e meio).

Diferente da dinâmica de trabalho do professor Jacinto, encontramos outra forma de atender as especificidades dos alunos, ao observarmos as aulas do professor Narciso, em que este chama o aluno para assessorá-lo de acordo com o nível do módulo, respeitando a carga horária estabelecida no regimento escolar, porém quando há alunos estudando o mesmo nível do módulo o professor reuni o grupo e desenvolve um trabalho coletivo.

Portanto, encontramos uma organização de ensino que incide no nível de aprendizagem do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que na compreensão dos docentes o ensino personalizado exige uma mudança nas formas de ensinar, pois o processo de trabalho faz com que o professor seja um mediador entre o conhecimento que o aluno construiu culturalmente e os conteúdos dos módulos, numa perspectiva individual de assessoramento.

Verificou-se então, uma organização de ensino que exige também o ato de pesquisar, visto que de acordo com as respostas dos exercícios surgem várias perguntas por parte dos alunos, que o professor precisa ter domínio do seu objeto de ensino para contribuir com a construção de conhecimentos, como também acontece a necessidade de elaboração de outras atividades, conforme as questões incorretas apresentadas pelos alunos para corroborar com o processo de aprendizagem do jovem ou adulto.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI N°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2007. Disponível em: <<http://www.gestoescolar.abril.com.br/politicaspublicas>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

SOARES, L. **Educação de Jovens e Adultos**: diretrizes curriculares nacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. As políticas da EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. Ação Educativa.

_____. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio; GILVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TARDIF; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.